

A Cor da Terra

I

“Nas margens do Mediterrâneo / Não se vê um palmo de terra / Que a terra tivesse esquecido / De fazer converter em pedra / Nas margens do Mediterrâneo / Não se vê um palmo de pedra / Que a pedra tivesse esquecido / De ocupar com sua fera / Ali, onde nenhuma linha / Pode lembrar, porque mais doce / O que até chega a parecer / Suave serra de uma foice / Não se vê um palmo de terra / Por mais pedra ou fera que seja / Que a cabra não tenha ocupado / Com sua planta fibrosa e negra”.

(Poema(s) da Cabra – João Cabral de Melo Neto)

II

Considero simplesmente um despropósito ter que sair da minha catacumba literária para prestar o presente depoimento aos leitores da coluna. Eu, que já me havia, secretamente, e por motivos alheios ao xadrez, tomado a decisão de não mais publicar, hoje me vejo diante do mesmo desconcerto – e que as comparações parem por aí! – que o do cantor Sílvio Caldas, diante do espelho, após seu enésimo retorno aos palcos.

Mas como os fatos assim o exigem, não me furtarei ao meu dever: cá estou pronto para a lide, ou, no mínimo, para tentar, à luz inspiradora da memória sonora do Sílvio, salpicar o chão com algumas estrelas. E prometo serei tão breve quanto possível.

Em primeiro lugar, todos sabemos, da Geografia, que no município de Vila Velha existe um bairro chamado Terra Vermelha. Em segundo, da Psicologia, que a Palavra têm o poder de fazer com que nossos cérebros produzam, bem grosso modo falando, recordações imagéticas e emocionais a elas associadas.

Pois bem, do que nos informaram até aqui a Geografia e a Psicologia, já dispomos de material suficiente para deduzir todo o resto, e entender porque a mera pronúncia do nome Terra Vermelha traz quase instantaneamente às nossas mentes conceitos primitivos ligados à pobreza, violência e exclusão social. E desde já silêncio sobre o sentido apelativo básico da constatação, pois não é por essa seara que eu pretendo adentrar.

Por fim, em franca dissonância com o que nos informaram até aqui a Geografia e a Psicologia, todos sabemos que em Terra Vermelha existe uma família que honra o espírito mais sublime que se possa dar ao Xadrez. Note o leitor, eu disse uma família, não uma pessoa. E chego enfim aonde eu queria chegar. Direto ao ponto.

Os Brito – pela ordem, Gabriela, Graziela, Yuri, Guilherme e Gustavo –, como ficaram conhecidos no meio enxadrístico capixaba – digo melhor, os Aguiar Brito, porque filhos bem-criados de pai e mãe – são a resposta positiva mais contundente que eu conheço à degradação da sociedade brasileira. E eu poderia encerrar a crônica por aqui, se quisesse.

Mas não quero, pois surgiu um fato novo digno de registro nesta coluna.

O recém concluído Campeonato Brasileiro Juvenil, realizado este mês em Guarapari – http://www.fesx.com.br/PGN/Brasileiro_Juvenil_2009_Absoluto.htm –, e contou com a participação ilustre do atual Campeão Brasileiro Absoluto, GM André Diamant, de dezenove anos.

Na ponta do lápis, Diamant é apenas o oitavo de uma dinastia iniciada por Henrique Mecking – Mequinho, o Lendário –, em 1972. Depois dele vieram, não necessariamente nesta ordem, Jaime Sunye, Giovanni Vescovi, Rafael Leitão, Gilberto Milos, Darcy Lima e Alexandr – se escreve assim mesmo, sem o “e” no final – Fier. Oito, na conta do chá. E quero crer o leitor já entendeu que, além dessa rarefação evidenciar as dificuldades enfrentadas pelo xadrez no Brasil, eu estou falando aqui de André Diamant, o Oitavo.

E já na primeira rodada, coube ao pequeno grande Yuri enfrentá-lo – partida nº 1, para quem quiser acompanhar pelo visor do site –, e fazer História. Sim, porque se o resultado foi a esperada vitória do GM, a forma como ela se deu contrariou todas as expectativas.

Com um jogo absolutamente consistente, Yuri pôs o Campeão para pensar por longos cinquenta e três lances, e só lhe entregou o ponto inteiro após sucumbir ante a força do par de bispos. Mais que isso, a turma da pipoca registrou as vezes em que Diamant se levantou da mesa e, reconhecendo-se diante de um adversário tão desconhecido quanto respeitável, transmitiu seu sentimento aos amigos que acompanhavam a partida: “*Esse menino joga muito!*”, sentenciou mais de uma vez, admirado.

Até aqui, tudo entendido. Mas por quê o tom bravio do início da crônica, pergunta o leitor atento. E eu respondo, sem embargo: exatamente por estarmos diante do momento crítico, angular, nevrálgico da carreira enxadrística deste jovem talento. E se, há pouco mais de um ano, eu escrevia com esperança sobre sua irmã Gabriela – veja-se a respeito “A Fina Flor do Xadrez”, nesta mesma coluna –, o tempo decorrido de lá para cá me fez embeber aquela esperança em formol, a fim de conservá-la.

Vale dizer, não faltam leis de incentivo ao esporte, ou suporte por parte da FESX, ou iniciativas individuais dos santos guerreiros do xadrez capixaba, ou a vontade férrea de um pai obstinado em proteger seus filhos dos perigos de um ambiente hostil, e lhes transmitir, pela prática do xadrez, princípios de vida. Contudo, tudo isto, somado, não faz decolar um projeto de inclusão social mais ambicioso como queremos e a vocação dos Brito para o xadrez faz jus.

Em particular, somei aos esforços acima o meu próprio, junto à empresa para a qual trabalho – cujo nome, por razões óbvias, não cabe mencionar aqui –, e padeci em meio a um processo *kafkeano* cujo ápice foi a resposta que obtive de um cacique nacional ao meu pedido de patrocínio para o xadrez – que, modéstia às favas, ficou bem redigido –, a qual transcrevo abaixo, com pequenas adaptações e eventuais comentários entre colchetes:

“Caro Eduardo, é com satisfação que presto as informações sobre a política de nossa empresa em benefício do esporte brasileiro [ao ler esta introdução, pensei comigo mesmo:

“bingo!”]. A empresa não apóia diretamente o Xadrez [posso estar equivocado em minha interpretação, mas eu notei um certo sadismo em frustrar, logo na seqüência, a expectativa gerada de início], direcionando o patrocínio esportivo às confederações de Atletismo, Ginástica Olímpica e Lutas Associadas. Além do repasse correspondente ao Comitê Para-Olímpico Brasileiro. Abraço”.

Foi então que, após reprocessar os fatos acima expostos – da minha aposentadoria precoce ao recém ocorrido no Brasileiro Juvenil, passando pela baforada do cachimbo do cacique –, sobreveio aos meus atuais projetos pessoais a obrigação de registrar o presente manifesto, na forma desta crônica, que é, antes de tudo, uma carta endereçada ao Inominável, movida pelo desejo de que algum navegante da Internet com tesão social e bala na agulha para investir no talento brasileiro, ao lê-la, apresente suas intenções à FESX, ou à CBX, ou à família Brito, ou por onde quer se espraíem.

III

Brito, Yuri Gabriel Aguiar x Diamant, André (2.576) – Campeonato Brasileiro Juvenil Absoluto – Guarapari – ES – B47 (Variante Aguiar Brito)

1. e4 c5
2. Nf3 e6
3. d4 cxd4
4. Nxd4 Nc6
5. Nc3 Qc7
6. Ndb5! ...

Este lance deve ser teórico. A meu ver, contudo, se lhe sobrepõe a beleza própria de um autêntico ataque à galega do quiosque Taça de Ouro!

6. ... Qb8
7. Be3 Nf6
8. Bd3 Be7
9. O-O d6
10. Qd2 O-O
11. Rad1 a6
12. Nd4 Bd7
13. f4 Ng4!

O Campeão opta pela vantagem do par de bispos, o que justificará as trocas nos próximos lances.

14. Rf3 Nxe3
15. Qxe3 Nxd4
16. Qxd4 Qa7
17. Qf2 Qxf2+
18. Kxf2 Bc6
19. Rh3 g6

20. g4! ...

Afora a força do lance, ele traz embutido em si o próprio conceito de Família. Quem sabe até herdado instintivamente das lições recebidas em conjunto com os irmãos, em volta da mesa onde Sérgio Brito, o pai, expõe a matéria. De outro modo, confira o leitor com seus próprios olhos se não é o Sérgio que está lá em **f2**, vigiando o avanço maciço da “Britaiada”, lá na frente.

21. ... b5

21. Ne2 Bf6!

Ativando o par completo!

22. c3 Rad8

23. Nd4 Bd7

24. Nb3 Bg7

25. Na5! ...

Yuri não se contenta com uma atitude de espera – o que seria normal diante do atual Campeão Brasileiro. Ele quer vencer a partida! Seu objetivo imediato é fustigar a debilidade de **d6**.

25. ... Bc8

26. Be2 f5

27. Nc6 fxg4

28. Bxg4 Rde8

29. Rf3 h5

30. Bh3 Bh6

31. Ke3 d5

32. e5! ...

Agora Diamant tem um bispo e meio! Quiçá nem isso...

32. ... Bd7

33. Nd4! ...

...Enquanto Yuri, como costuma dizer o Leandro Barcellos, tem um cavalo “moooooonstro” no centro! Agora só falta pôr em jogo a torre de **d1**...

33. ... Kf7

34. Rg1!! ...

...olha isso, Leandro: torre “moooooonstro”!!

34. ... Rg8

Contudo, daqui para o fim, o GM Diamant mostrará, com técnica e paciência, porque atualmente é considerado a nova jóia do xadrez brasileiro.

35. Kd3 Ke7
36. Rfg3 Kf7
37. Rf3 Ref8
38. Ke3 Ke7
39. Nb3 Rc8
40. Rfg3 g5
41. fxg5 Bg7
42. g6 Bxe5
43. Rg5 Kd6
44. R1g2 b4
45. cxb4 Rc4
46. Rxh5 Rxb4
47. Rh7 Bg7
48. Rf2 Re4+
49. Kd3 Be8
50. Rg2 Be5
51. g7 Bb5+
52. Kc2 Re3
53. Nd2 Bd3+

E o par de bispos se impôs na partida.

0-1

IV

No bairro Terra Vermelha, onde a terra é da cor do sangue, uma variante sólida tem sido desenvolvida contra a brutalidade do Sistema: a Variante Aguiar Brito.

Testada diariamente, ela mostra à sociedade o seu valor e reinventa a teoria. O limite desta reinvenção pode se dar por lá mesmo, ou se elevar, feito sonho, a um ponto no alto do céu, patamar do espírito onde enxergamos a cor real das coisas.

A cápsula Vostok I era apertada demais, mesmo para uma só pessoa, quando outro Yuri elevado ao céu pelo sonho humano proferiu as palavras com as quais dou a esta crônica seu desfecho, contraste tonal, e esperança.

A Terra é azul.

*